

***MULHERES QUE NÃO SÃO MÃES: UM ESTUDO SOBRE
IMPACTOS E MOTIVOS QUE LEVAM A ESSA CONDIÇÃO***

**Expectations of the Childless Woman in Relation to the Experience or
not of Motherhood**

Tatiane Aparecida Gondim e Larissa Guimarães Martins Abrão

RESUMO

O presente estudo consiste em uma breve revisão teórica e pesquisa de campo acerca da expectativa de mulheres sem filho com relação à vivência ou não da maternidade. Por isso, o objetivo deste trabalho foi investigar mulheres que adiam a realização de ser mãe e compreender os novos papéis que vem sendo desempenhados pela mulher no mundo contemporâneo. Para este fim foram realizadas entrevistas com 08 mulheres, acima de 35 anos, que tivessem parceiros à época, ou que já tivessem experimentado situação conjugal, pois era nosso interesse conhecer a relação dos parceiros com a possibilidade da maternidade da entrevistada. As entrevistadas residiam em três cidades do triângulo mineiro: Capinópolis, Ituiutaba e Uberlândia. Os resultados sugerem que a psicologia vem colaborar para a amenização de possíveis culpas diante da ausência do desejo pela maternidade e acompanhar a dinâmica de reconfiguração das famílias.

Palavras-Chave: Mulheres. Maternidade. Desejo.

ABSTRACT

The present study consists of a brief theoretical revision and field study on the expectations of the childless woman in relation to the experience or not of motherhood. For this reason, the objective of this research was to interview woman who put off the realization of motherhood and understand the new roles that are being carried out by women in the world today. To do this, 08 women over 35 years of age, who had a partner at the time, or had already had the experience of a marital situation, were interviewed, because our interest was to know about the relation of the partners with the possibility of motherhood of the person interviewed. These women are residents of three cities in the tri-state of Minas Gerais: Capinópolis, Ituiutaba and Uberlândia. The results suggest that the psychologist collaborates by easing any possible guilt feelings in the case of an absence of any desire for motherhood and follows the reconfiguration dynamics of the families.

Keywords: Women. Motherhood. Desire.

INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, a mulher vem construindo modificações significativas em sua história, podendo ser ressaltado o aspecto do aumento na participação sócio-econômica feminina, paralelamente ao incremento na luta por leis e direitos voltados para o combate à discriminação. As mulheres conquistaram ascensão profissional, porém ainda se perpetua uma sociedade marcada pela desigualdade entre os gêneros. Diante de tal disparidade, a mulher procura conquistar seu reconhecimento pessoal e profissional, e assim a maternidade passou a ser incluída não mais como destino inevitável, mas como um projeto a ser ou não realizado.

De acordo com Lages, Detoni & Sarmento (2008), a mulher na busca de autonomia e igualdade, lança- se ao mercado de trabalho, sem, no entanto, se desvincilar das atividades domésticas.

As contradições inerentes ao processo de industrialização e a forma como as mulheres ingressaram no mercado de trabalho, marcadas pelas desigualdades sociais e sexuais, revelam os impactos desse processo na mudança dos padrões da maternidade.

Com mais acesso à educação formal e à profissional, as mulheres, no decorrer do século XX, vão ocupar gradativamente o espaço público, ao mesmo tempo em que mantêm a maior parcela de responsabilidade pela criação do filho. Portanto, a decisão de ser ou não mãe, passou a ser objeto de reflexão, influenciada por fatores relacionados às condições subjetivas, econômicas e sociais das mulheres e também do casal.

Os múltiplos papéis desempenhados pela mulher nos dias de hoje, representam a história das lutas pela emancipação: igualdade social, política, econômica, educacional. Mas essa iniciativa diversificada e constante encontra barreiras culturais, fortemente internalizadas, barreiras capazes de não depositar na participação feminina, tanto no mercado de trabalho, quanto no ambiente doméstico o devido valor e reconhecimento (LAGES, DETONI & SARMENTO, 2008). Os autores ponderam ainda que considerando a

produtividade econômica, a mulher só é considerada como trabalhadora quando desenvolve alguma atividade fora do lar, que tenha uma profissão remunerada, sendo o trabalho desempenhado dentro de casa não valorizado (LAGES, DETONI & SARMENTO, 2008).

Segundo Laville (1999, apud LAGES, DETONI & SARMENTO, 2008) o papel da mulher como provedora do sustento familiar, situação que vem aumentando cada vez mais, e a questão da maternidade, acabaram por redimensionar o sistema familiar.

Lages, Detoni & Sarmento (2008), afirmam que em meios a perdas e ganhos, nem sempre tão visíveis, o que tem ocorrido é uma sobrecarga de trabalho e sentimentos ambíguos que as faz se sentirem culpadas por desafiar as regras e os valores de uma cultura patriarcal, que a pressiona para não se afastar das tarefas domésticas e do cuidado com a família. Dizendo ainda que essa mesma cultura, que somente as reconhece como trabalhadoras quando estiverem no mercado de trabalho, encontrou, nesse mesmo mercado, uma nova forma de oprimi-las e pressioná-las, o que as tem levado a refletir no planejamento familiar.

Para Barbosa & Rocha- Coutinho (2007), as mulheres atuais encontram-se sem um referencial, sem modelos a seguir e, assim, têm que buscar novas formas de lidar com os problemas que a elas se apresentam agora e que em gerações anteriores eram diferenciados. No nível social, ainda não surgiu uma solução satisfatória para a sobrecarga decorrente de ter que conciliar e dividir-se entre o trabalho fora de casa e a família. Com isso, mulheres de classe média estão buscando soluções individuais, como reduzir o número de filhos, adiar a maternidade, ou, até mesmo, fazer sua opção pela carreira profissional, desistindo de outros projetos como a maternidade.

Bonini-Vieira (1997) aponta para o fato de que a maternidade pode não representar um projeto importante para algumas mulheres atuais que, contrariamente à expectativa social, decidem não se tornar mães. Atualmente, as mulheres estão optando por terem um número menor de filhos, em algumas camadas sociais, muitas delas pensando no fato de ter ou não os filhos. O

desejo de tê-los ou não, é uma decisão complexa, que remete a sentimentos contraditórios e fatores psicológicos e sociais.

A teoria da feminilidade contribuiu para a verbalização da consciência da maternidade, viabilizando às mulheres o direito de reflexão e expressão ao sentido de ser mãe. Há que se considerar que a maternidade, do ponto de vista simbólico, traz impressões e valores de uma determinada cultura e tempo histórico e acaba por representar um “desejo naturalizado” socialmente. De acordo com Badinter (1985), o amor materno é resultado de uma construção social e cultural, nada tendo a ver com o instinto, fator sanguíneo ou um determinismo da natureza. Por esta razão, estamos buscando, neste trabalho, investigar qual a relação da mulher com seu desejo pela maternidade e em que medida tal desejo (ou mesmo a falta dele) aparecem como resultado de uma naturalização social.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida com mulheres de 35 a 50 anos, em três cidades do triângulo mineiro, quais sejam: Ituiutaba, Uberlândia e Capinópolis.

A região do Triângulo Mineiro localiza-se no interior do Estado de Minas Gerais, fazendo divisa com três importantes estados da federação: Goiás, Mato Grosso do Sul e São Paulo.

Para realizar a pesquisa de campo utilizou-se como material um gravador de voz. Foram feitas oito entrevistas com mulheres, escolhidas a partir dos seguintes critérios: mulheres sem filhos, com idade acima de 35 anos, que tivessem parceiros à época, ou que já tivessem experimentado situação conjugal, pois era nosso interesse conhecer a relação dos parceiros com a possibilidade da maternidade da entrevistada. Cada entrevista continha onze perguntas abertas, que foram registradas e transcritas na íntegra, respeitando-se, inclusive, as transgressões à norma gramatical.

A apreciação dos resultados foi desenvolvida a partir de análise qualitativa dos dados, buscando compreender o significado das respostas à luz

da fundamentação teórica que adotamos. Os dados foram colhidos entre julho e agosto de 2009 e para tal procedimento cada uma das entrevistadas assinou termo de consentimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das entrevistas realizadas, foi possível notar que as participantes mostraram-se preocupadas em se “preparar” ou “sentirem-se preparadas” para a maternidade e, só então, assumirem a responsabilidade de ser mãe, diferentemente da maioria das mulheres de alguns anos atrás, que tinham como padrão social o casamento e a maternidade precoce. Nesse aspecto, podemos pensar que a recente história de lutas e reivindicações femininas no campo social e econômico acabou por ampliar, pelo menos parcialmente, a autonomia de sua expressão quanto ao desejo de ser mãe, permitindo inclusive a oportunização desse desejo.

Pode-se perceber em muitas falas que o filho é desejado, mas parece um impedimento a algum tipo de “curtição”: as mulheres dizem preferir aproveitar a vida a dois com mais calma para depois ter o filho desejado. Apesar de terem elas mesmas, optado em adiar a maternidade e aproveitar mais o casamento, assinalam que é experiência de ter filhos que as deixaria plenamente felizes. No entanto, essa felicidade, acompanhada da responsabilidade de gerar e cuidar de outra vida, parece incompatível com a “curtição” que pretendem prolongar. Até porque, nas falas das entrevistadas, ter e cuidar do filho ainda aparece como uma atividade quase exclusiva da mulher, em que a participação do cônjuge é pequena. Na maioria dos depoimentos, é esse momento, o da maternidade, que parece ser mais realizador, fazendo cumprir o ritual do estabelecimento da estabilidade a partir da construção de uma família.

Pode-se perceber, portanto, que para muitas das entrevistadas a realização plena da mulher vem com a maternidade, levando-nos a pensar, que, aparentemente, na vida a dois subsiste a idéia de que falta de algo e que

a sensação de completude vem através da maternidade.

Além da realização feminina, em algumas falas o marido também mostra uma “necessidade” de ser pai. O homem que no patriarcado antigo representava apenas o provedor do lar e responsável pela dominação feminina, sem poder falar da paternidade como função desejada, hoje expressa a vontade da paternidade. Em algumas entrevistas, foi possível notar a existência de um comportamento pressionador, por parte do companheiro, para que a mulher lhe possa satisfazer o desejo de ser pai. O que nos pareceu, pelas entrevistas, é que ainda falta à mulher poder de negociação diante desse desejo, restando a ela a cessão à “exigência” apresentada. A reação dos sujeitos desse trabalho parece, então, demonstrar a resistência de um modelo patriarcal de relação, que se reconfigura, mas permanece.

Na fala de uma das entrevistadas nota-se o desejo e a esperança de ter filhos por gestação, algo que ela assinala como sendo uma “necessidade biológica”. Ou seja, para esse sujeito, a gestação parece algo instintivo da mulher, que deve “obedecer” às etapas da vida: nascer, crescer, reproduzir e morrer. A não realização da reprodução, sob esse prisma, pode fazer com que ela se sinta enfraquecida.

Há ainda, nos sujeitos, uma preocupação com o avanço da idade, o que pode resultar numa gestação de maior risco. Mesmo diante de tal fato, há o desejo de gerar um filho e com isso estar mais bem posicionada consigo e se sentir fortalecida perante as outras mulheres. Assim, pode-se perceber que a mulher continua a ser vista a partir de sua natureza biológica, mais especificamente por sua capacidade de gerar e parir filhos, característica ainda bastante cultuada pelo discurso social (BADINTER, 1985).

A culpa por ter adiado a decisão de ser mãe também pode ser percebida numa das participantes. Há nessa entrevistada a fantasia de que o adiamento da escolha de ser mãe pode ter comprometido sua fertilidade, impossibilitado a realização da maternidade. Diante de tal culpa parece não suportar ser excluída da categoria “mãe”, e de certo modo, mostra-se auto-punitiva. A fala desse sujeito corrobora outras que apresentam a maternidade como desejo de

“toda mulher” e como realização plena da feminilidade. O papel da maternidade sempre foi construído como o ideal máximo da mulher, caminho da plenitude e realização da feminilidade, associado a um sentido de renúncia e sacrifícios prazerosos. Ser mãe seria pertencer a uma classe especial, ter uma posição prestigiada dentro da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres atuais vivem em um mundo competitivo e globalizado, pautado pela necessidade contemporânea de manterem-se inseridas no mercado de trabalho, necessidade esta que foi avolumada com o advento do capitalismo e encontrou seu apogeu nas décadas do século passado que trouxeram a chamada “revolução sexual”, teoricamente uma das responsáveis por promover a “libertação” da mulher do território doméstico.

No entanto, a saída desse território não representou uma desobrigação feminina do cuidado com ele. Ao contrário, a conquista do mercado acresceu às atribuições da mulher a função de co-provedora e manteve o lar como sua responsabilidade. Com o avanço rápido e frenético do mundo, a mulher tem que cada vez mais conquistar e assegurar seu espaço e uma das maiores preocupações da mulher atual é a realização profissional. Diante de tal desejo, a maternidade fica para depois.

Poderíamos pensar, então, que o século XXI produziu uma mulher liberta, incluída no mercado e plenamente realizada, mesmo que sobrecarregada. Todavia, o que podemos perceber, diante da análise das entrevistas, foi que algumas mulheres estão se sentindo culpadas por terem adiado a maternidade, e consequentemente, adiado o evento considerado pela maioria como o único capaz de garantir a realização completa da mulher.

Essa constatação nos levou a refletir sobre a permanência de um modelo ainda patriarcal de apresentar a maternidade como instituição necessária, natural e universal, que simboliza o desejo mais íntimo de toda mulher e o grande papel que elas desempenham em suas vidas.

Apesar das reconfigurações desse modelo, e apesar também das redefinições que a concepção de família atravessa, a maternidade se coloca, pelo menos para a maior parte de nossa pequena amostra, como instituição intocada.

Diante disso, considera-se que a psicologia possa colaborar para o entendimento do lugar cultural que a maternidade ocupa, promovendo, por exemplo, o entendimento sobre a construção da culpa pela ausência de desejo de ser mãe.

Defendemos que é a partir da tomada de consciência sobre os processos coletivos de construção de si que passa ser possível aos sujeitos apropriar-se de sua história, seus desejos e suas escolhas.

REFERÊNCIAS

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro - RJ, 1985.

BONINI- VIEIRA, A. **Definidas pela negação, construídas na afirmação: a perspectiva de mulheres não-maes sobre a maternidade e seu projeto de vida.** Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ, 1997. (Dissertação de Mestrado)

BARBOSA, P. Z.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. **Psicologia Clínica** vol.19 n.1. Rio de Janeiro - RJ, 2007.

LAGES, S. R. C.; DETONI, C.; SARMENTO, S. C. O preço da emancipação feminina: uma reflexão sobre o estresse gerado pela dupla jornada de trabalho (artigo). **Estação científica.** 2008.

LIMA, I.C. **Gravidez na adolescência: atitudes e responsabilidade paterna.** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana - BA, 2002.

SOUZA, D.B.L.; FERREIRA, M.C. Auto-estima pessoal e coletiva em mães e não-mães. **Psicologia Estudo** vol. 10 n. 1, 2005.

AUTORAS

Tatiane Aparecida Gondim é graduada do Curso de Psicologia da FEIT/UEMG, Campus Ituiutaba-MG.

tagondim@yahoo.com.br

Larissa Guimarães Martins Abrão é professora dos Cursos de Psicologia e Direito da FEIT – UEMG, Campus de Ituiutaba-MG.

larissagma2009@gmail.com